

Revista Adventista

MENSAGEM

do Presidente da Divisão Sul-Europeia

Ao serem escritas estas poucas palavras de saudação, apenas três semanas após a minha chegada à Europa do Sul para me entregar aos meus novos deveres, não estou em condições de apresentar um relatório da obra realizada no passado. Todavia, se viesse a propósito, eu podia dar uma encorajadora descrição das minhas impressões deste interessantíssimo campo e dos obreiros que até aqui tenho encontrado. Felizmente, cheguei numa altura em que deviam realizar-se diversas sessões de união e locais, tendo-me assim sido possível familiarizar-me com um grande número de nossos obreiros e membros num muito reduzido período de tempo. Antes de se ter passado uma semana, assisti à sessão da União Franco-Belga, em Paris, estabelecendo contacto com todos os obreiros desse grande campo, e na reunião de Sábado com cerca de 900 membros leigos. Acabo de voltar de uma semana passada na sessão da União Italiana e de uma reunião de obreiros, ali realizada, na cidade de Florença. Em ambas essas reuniões fiquei surpreendido com o grande número de obreiros presentes. E então, ao associar-me com eles e ao ouvir as contribuições feitas nas discussões, fiquei fortemente impressionado com a alta qualidade da sua estrutura mental e sobretudo com a sua consagração ao trabalho a que têm dedicado as suas vidas. Deus realiza o Seu programa no Mundo através de homens, homens consa-

grados, que desejam gastar e ser gastos no Seu serviço. E Ele tem muitos destes instrumentos entre os obreiros desta grande Divisão.

Este campo, que tão assinaladamente tem sido honrado por Deus no passado através dos serviços do apóstolo Paulo, e, mais tarde, pelos reformadores Calvino e Zwinglio, e pela perseverança e consagração dos antigos Valdenses, será sem dúvida de novo despertado pela proclamação da mensagem do terceiro anjo. Há sem dúvida hostes de pessoas nesta vasta população que são candidatos ao Reino dos Céus aguardando ser achados e reclamados por Deus.

Antes que se tenham passado muitos meses, faço planos para visitar outras partes do nosso território europeu e também alguns dos campos missionários. As cartas que eu tenho recebido dos presidentes das várias Uniões falam de progresso e de um encorajador número de baptismos. Há um vasto trabalho a fazer. Apenas o poder do Espírito Santo nos dará o êxito. Chegou certamente o tempo de cada um de nós, dirigentes, ministros e leigos, nos consagrarmos de novo a Deus e nos levantarmos e terminarmos a tarefa que nos foi confiada.

Berna, 12 de Setembro de 1954.

M. V. CAMPBELL

Mensagem de despedida

do presidente cessante da Divisão Sul-Europeia

Prezados irmãos e irmãs da Divisão Sul-Europeia:

Esta será a última mensagem que vos dirijo como obreiro no vosso meio. Deixo agora o meu cargo de presidente da Divisão Sul-Europeia para assumir o de secretário da Conferência Geral. Certamente que todos vós estais ao corrente da decisão tomada pela Conferência Geral a este respeito. Os irmãos chamam-me para Washington e eu e minha esposa partimos imediatamente, para ocuparmos o nosso posto na sede da nossa denominação.

Esta mudança ocorre no fim de 28 anos de feliz colaboração convosco. Vós fostes um conjunto de leais e dedicados dirigentes e membros. Fui muito feliz em trabalhar e partilhar convosco as responsabilidades da direcção nesta grande secção do campo mundial. Nos nossos diferentes postos de serviço, minha esposa e eu encontramos sempre alegria e compreensão. Eu não poderia expressar o que cada um de vós significou para nós nestes anos passados. Só através da eternidade nós poderemos discorrer acerca das bênçãos e vitórias alcançadas. Aceitai, por favor, os nossos agradecimentos pelo vosso leal apoio desde sempre. Desejaria tomar-vos pela mão e dizer-vos pessoalmente quão grato estou pelo privilégio que o Senhor me concedeu de trabalhar tantos anos na Divisão Sul-Europeia.

A minha alegria é tanto maior, quanto eu sei que um hábil e consagrado dirigente vai assumir em meu lugar as responsabilidades de presidente desta Divisão. O pastor M. V. Campbell, um íntimo amigo meu através dos anos, vem para o campo enriquecido de experiência e talento e estou certo que vai ser muito apreciado por todos vós. Peço que lhes presteis a mesma colaboração e estima que não deixastes de me manifestar. Eu sei que o fareis, porque sois homens e mulheres de Deus. O pastor e a irmã Campbell já estão em Berne. Conto que em breve vereis pessoalmente a Sr.^a Campbell assim como o presidente da Divisão. Ireis apreciá-los pessoal e oficialmente.

É maravilhoso pensar no futuro da Divisão Sul-Europeia. Não temos dúvida alguma de que estamos no limiar de uma grande obra de salvação de almas. Há sinais inconfundíveis do maior êxito que temos conhecido nesses belos países e entre estas excelentes populações. Deus tem em reserva um poderoso exército de fiéis Adventistas do Sétimo Dia. Eles vêm agora em marcha. Cada departamento prosseguirá em crescente êxito. A minha alegria é imensa quando penso no futuro. Então, muito breve, quando a Obra for concluída em todas as partes do Mundo, Jesus virá. Então, iremos para o lar da terra gloriosa. Convosco, eu olho para esse grande dia, e nesta última mensagem, desejo prestar o meu completo apoio para o avanço da Obra no Sul da Europa e através do Mundo até atingir uma vitoriosa conclusão. Deus terá tudo de mim e eu sei que é essa também a vossa consagração.

Com as minhas melhores saudações, e na imorredoura esperança da volta iminente de Jesus, fico, como sempre,

Vosso irmão em Cristo,

W. R. Beach

*Assinar a «REVISTA ADVENTISTA»
corresponde a ter à mão um repositório
de artigos do máximo interesse espiritual,
directrizes seguras para a marcha dos di-
ferentes Departamentos e as notícias mais
interessantes do Movimento Adventista
através do Mundo e do campo português.*

Fidelidade no conflito iminente

Numerosos sinais da proximidade do fim se têm cumprido aos nossos olhos. E entre aqueles cujo cumprimento aguardamos para breve figuram as cenas finais do grande e secular conflito entre Cristo e Satanás.

Há já muitos anos nos advertia a Serva do Senhor: «O último grande conflito entre a verdade e o erro não é senão a luta final da prolongada controvérsia relativa à lei de Deus. Estamos agora a entrar nesta batalha — batalha entre as leis dos homens e os preceitos de Jeová, entre a religião da Bíblia e a religião de fábulas e tradições.» — *O Conflito dos Séculos*, p. 582.

A ele fazia referência o profeta João, naquelas tão conhecidas palavras: «E o dragão irou-se contra a mulher, e foi fazer guerra ao resto da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus, e têm o testemunho de Jesus Cristo» (Apoc. 12:17).

Lemos repetidas vezes que esse conflito se observará particularmente em torno do quarto mandamento, destacando-se de um lado os que permanecem fiéis ao Sábado divino e do outro os que preconizam e impõem a observância do Domingo humano. A discriminação dos campos chegará a tal ponto que serão tomadas medidas «para que ninguém possa comprar ou vender senão aquele que tiver o sinal» de observador do Domingo (Apoc. 13:17).

★

Se bem que aguardemos para um futuro mais ou menos próximo a organização de movimentos persecutórios contra os fiéis seguidores dos mandamentos de Deus, não devemos esquecer que nos encontramos já envolvidos nas cenas iniciais desse grande conflito.

Em quantos casos a luta pelo pão de cada dia nos não lança numa situação em que temos de decidir se queremos obedecer a Deus ou aos homens! Por um lado, a pressão económica; por outro lado, todas as portas fechadas para um trabalho em que seja concedido o Sábado livre. As dificuldades financeiras aumentam, e finalmente talvez se ceda à tentação aceitando uma ocupação que pressupõe a transgressão do quarto mandamento.

Se não se passa isso connosco, serão talvez os nossos filhos que necessitam de dar um rumo à vida. Procura-se-lhes trabalho. A princípio tem-se a preocupação de ver se se descobre quem lhes conceda o Sábado, e por fim, até que venham melhores dias, mandam-se para um escritório ou uma oficina em que transgredirão esse preceito. Talvez nesse dia os pais estejam calmamente na Escola Sabatina ou assistindo à pregação, enquanto os filhos, pelos quais devem dar contas, estejam trabalhando em ocupações profanas.

Talvez se trate antes do problema escolar. Por mais que façamos, não é concedido o Sábado durante o ano lectivo ou na época dos exames. Deverão nossos filhos ser prejudicados nos seus estudos? Dirão alguns pais: Deus não levará a mal que condescendamos em os mandar à escola ao Sábado. Será apenas uma situação transitória...

Vêm os dias da vida militar. Novos problemas se impõem. Como obterá o manco o Sábado livre? Envida todos os esforços para conseguir condições que lhe permitam a santificação desse dia. Nada conseguindo, talvez ceda finalmente.

Estes são apenas alguns exemplos de desfalecimentos que podem ocorrer na vida dos crentes de hoje.

★

Mas detenhamo-nos um momento a examinar semelhantes atitudes. Em cada caso mencionado, o crente viu-se envolvido num conflito, em que devia pronunciar-se entre a obediência aos mandamentos de Deus e a condescendência com os preceitos dos homens.

Este conflito em que se encontrou envolvido será diferente do conflito final que a igreja dos últimos tempos terá de enfrentar? Se há alguma diferença, deriva ela, não da natureza da decisão a tomar, mas da condição infinitamente mais branda e fácil de vencer da presente conjuntura. E se agora não conseguimos manter-nos fiéis, donde aguardamos forças para conservar fidelidade quando a pressão for mais violenta?

Somos advertidos do joeiramento que esse conflito ocasionará, caindo pelo caminho e apartando-se do povo de Deus

aqueles que não se mantiverem firmes. Mas esperamos nós não ser sacudidos então, quando agora talvez pela nossa frouxidão já estejamos a ser separados do trigo?

★

As páginas da história do povo adventista estão iluminadas pelas letras de ouro de inumeráveis casos de fidelidade aos preceitos divinos. Prestamos particularmente a mais rendida homenagem aos rapazes e meninas que, na escola, na vida militar, no emprego, têm destemidamente arrostado todos os perigos e sofrimentos de preferência a transgredir a lei de Deus.

No seu coração disseram como Habacuc: «Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam manti-

mento; as ovelhas da malhada sejam arrebatadas, e nos currais não haja vacas: todavia, eu me alegrarei no Senhor; exultarei no Deus da minha salvação» (Hab. 3:17, 18).

E aqueles que determinaram em seu coração obedecer a Deus de preferência aos homens, dão o testemunho de que «a mão do Senhor não está encolhida para que não possa salvar; nem o Seu ouvido agravado para não poder ouvir» (Isa. 59:1). Ele Se tem revelado um Deus vivo para todos que nEle têm confiado.

A exemplo de tantos que têm permanecido fiéis, continuemos firmes do lado de Deus nos conflitos de hoje. Ganharemos assim treino para nos mantermos inabaláveis no tremendo conflito que em breve se há-de desencadear.

E. Ferreira

O Espírito cristão da Liberalidade

por H. L. RUDY

«Mas não vos esqueçais da beneficência e da comunicação, porque com tais sacrifícios Deus Se agrada.» Heb. 13:16.

Este texto escriturístico exara o princípio básico da liberalidade cristã: «Não vos esqueçais da beneficência e da comunicação». O cristão é diferente de um mundano. No Mundo o bem é retribuído com o mal, mas o cristão faz continuamente o bem, mesmo aos que lhe retribuem com o mal. Este espírito é introduzido na liberalidade cristã. «A comunicação» quer dizer, na verdade, repartir o que temos com os que se acham sem os benefícios do Evangelho.

Este era o princípio que impregnava a vida dos cristãos primitivos. «Todos os que possuíam herdades ou casas, vendendo-as, traziam o preço do que fora vendido, e depositavam-no aos pés dos apóstolos.» Act. 4:34 e 35. Tinham o coração tão cheio de amor e gratidão para com Deus pelas grandes munificências da graça, que «a si mesmos se deram primeiramente ao Senhor» (2 Cor. 8:5), e depois deram liberalmente da «abundância de seu gozo... e sua profunda pobreza» (v. 2) a fim de partilhar as suas bênçãos com outros.

Que haveria acontecido se o mesmo espí-

rito de amor e sacrifício caracterizasse o povo de Deus em nossos dias? «Imaginai que Cristo habitava em cada coração e o egoísmo, sob todas as formas, era banido da igreja, qual seria o resultado?» — *Testimonies*, vol. 5, p. 206. Haverá algum meio de medir os resultados de tais condições? Cristo em todo o coração, e banido da igreja o egoísmo em todas as suas formas! Pensei nisto!

Aquele que fez esta pergunta, também lhe deu a resposta. Eis qual seria o resultado: «Harmonia, unidade e amor fraternal seriam tão verdadeiramente manifestados como na igreja primeiro estabelecida por Cristo. Ver-se-ia por toda a parte actividade cristã. A igreja inteira inflamar-se-ia numa chama de sacrifício para glória de Deus. Todo o cristão poria sobre o altar o fruto de sua abnegação, para que aí fosse consumido.» — *Ibid.*

Este espírito vai muito mais além de dar aquilo que é requerido. Os primitivos cristãos não ficavam satisfeitos com dar simplesmente o dízimo; foram além da letra da lei. Entraram no domínio do espírito do Evangelho, e deram mesmo além do que podiam. Como Abraão, mostraram o verdadeiro espírito de dar. Ele deu o «dízimo

de tudo» (Gén. 14:20), mas não parou aí. Manifestou o verdadeiro espírito de dar, não retendo o seu próprio filho no dar a Deus (Gén. 22:12). Tal é o espírito de que necessitamos entre nós hoje — o espírito que encontra alegria em dar para o progresso do Evangelho, não somente o que é solicitado, mas mesmo as mais estimadas possessões.

O perigo da idolatria

Mas o que se manifesta com tanta frequência na igreja de hoje? O Senhor no-lo diz. Ele não é iludido por ninguém que não seja impulsionado pelo espírito de Cristo. Eis o que Ele diz: «Os pecados que dominam o Mundo têm penetrado nas igrejas e no coração daqueles que pretendem ser o povo peculiar de Deus. ... Há amantes do Mundo mesmo entre os que professam aguardar o Senhor. Há ambição de riquezas e honra. ... Este Mundo é o seu lar. Fazem do adquirir tesouros terrenos a sua ocupação. Edificam custosas moradas e mobilam-nas com tudo quanto é bom; compram-se no vestuário e na satisfação do apetite. As coisas do Mundo são os seus ídolos.» — *Idem*, p. 456.

Muitas vezes, quando são apresentadas as necessidades da obra de Deus, o povo apresenta desculpas para não fazer a sua parte no sustento do Evangelho. Em relação com isto, disse o Senhor: «Se os homens apresentam qualquer desculpa quanto à razão de não cumprirem este dever de levar dízimos e ofertas, é porque são egoístas, e não possuem o amor e o temor de Deus em seu coração.» — *Testimonies to Ministers*, p. 305.

Noutro lugar é-nos dito: «Se tendes estado a reter dízimos e ofertas, é porque deixastes o vosso primeiro amor; levantastes ídolos no vosso coração. Não há

a mais leve esperança para um ramo que assim fica separado da Videira... Quantos há que morrem praticando desonestidade para com Deus, roubando-O nos dízimos e ofertas!» — E. G. White, em *Review and Herald*, de 23 de Dezembro de 1890.

O egoísmo — que coisa terrível, maldita, quando penetra no coração! Torna-se o fundamento da contenda e da divisão, e detém o fluxo da graça de Deus para o coração dos que estão perecendo no pecado. Quão diferente e gloriosa seria a experiência da Igreja se Cristo habitasse em cada coração, e o egoísmo em todas as suas formas fosse banido da vida! Unicamente quando isto acontecer se manifestará entre o povo de Deus o verdadeiro espírito cristão de liberalidade. Então, finalizar-se-á rapidamente a obra do Evangelho.

Querido leitor, que espécie de doador és tu? És um doador voluntário, como Abraão que, ao dar o seu filho, deu a Deus o melhor que tinha? És um doador sacrificial, como David, que ao comprar a eira de Orná, não queria oferecer ao Senhor aquilo que não lhe havia custado coisa alguma? És um grande pequeno doador, como a viúva pobre, dando, não de tua abundância, mas da tua própria subsistência? És um doador liberal, como os macedônios, que deram além do que estava em seu poder, segundo foi considerado por outros? És um doador voluntário como Zaqueu, que não esperou que lhe fosse solicitado dar? És um doador despretenhoso, como o bom samaritano, que não fez nenhuma ostentação das suas boas acções? És um doador como Maria, que não considerou o custo, mas pròdigamente ofereceu as dádivas do amor? Caso as tuas dádivas sejam feitas ao espírito manifestado por essas pessoas a quem a Bíblia louvou, podes estar certo de que os teus sacrificios são agradáveis a Deus.

Azulejos Decorativos

Lindos azulejos, para dependurar, com dizeres bíblicos, como «Eu e a minha casa serviremos ao Senhor».

Preço de cada, 15\$00.

Pedidos à Administração desta revista.

NOSSO AMIGUINHO

Que leituras está oferecendo a seus filhos? Sabe que «NOSSO AMIGUINHO» é uma revista mensal que faz o encanto de todas as crianças que a lêem? Assinatura anual — 25\$00.

ELLEN G. WHITE

— Vista pelos que a conheceram — VI

por ARTHUR L. WHITE

(Secretário das Publicações de Ellen G. White)

Como Escritora

«Escrever, escrever, escrever, sinto que preciso e sem tardar», escreveu Ellen White em 1884. «Grandes coisas se acham diante de nós, e queremos chamar o povo da sua indiferença para se prepararem.» — Carta 11, 1884. Nestas palavras se resume o objectivo da sua mais importante obra, e pela qual ela é mais conhecida hoje.

A sua infância e educação não foram daquelas de molde a adaptar naturalmente uma pessoa para uma vida de escritora. Os seus estudos foram limitados. Mas, quando chamada por Deus, em sua juventude, foi por Ele aparelhada para as tarefas a ela confiadas. Ela própria nos descreve a maneira por que Deus a chamou a escrever:

«No princípio dos meus labores públicos, foi-me solicitado pelo Senhor: Escreve as coisas que te são reveladas. Ao tempo em que me veio esta mensagem, eu não podia manter a mão firme. O meu estado físico tornava-me impossível escrever.

«Mas foi-me dada novamente ordem: Escreve as coisas que te são reveladas. Obedeci; e, em resultado disso, não tardou que eu pudesse escrever página após página, com relativa facilidade. Quem me dizia o que devia escrever? Quem me firmava a dextra e me tornava possível servir-me da pena? — Era o Senhor.» — *Review and Herald*, 13 de Junho de 1906.

Houvesse o Senhor escolhido como seu mensageiro um estudante de brilho, ou uma pessoa amadurecida em anos e educada, alguém poderia dizer que as mensagens não eram produto do Espírito de Deus, mas originadas na mente do escritor, e que se baseavam em ideias preconcebidas e em preconceitos. O Senhor escolheu um humilde instrumento para a Sua obra, para que as mensagens d'Ele fluíssem para a Igreja e o Mundo, sem perigo de contaminação, e de maneira que todos pudessem ver que era a Sua obra.

Desde o tempo em que a sua mão foi firmada, em 1845, até à conclusão do tra-

balho da sua vida, Ellen G. White fazia todos os seus escritos à mão. Mesmo quando dispunha do auxílio de secretários, ela preferia trabalhar sem ser perturbada, escrevendo as frases atenta e cuidadosamente. Por vezes o escrito era feito em papel de apontamentos, outras em grandes folhas, outras ainda em cadernos pautados.

Variavam grandemente as circunstâncias em que a Sr.^a White escrevia. Quando ela podia fazer o trabalho em casa, estava satisfeita. Por algum tempo, nos primitivos dias de Battle Creek, ela trabalhava muito em casa, mas ia, por vezes, ao escritório da *Review*, onde partilhava uma sala com o marido. Mas boa parte do tempo os seus escritos tinham de ser entremeados, o melhor que ela podia, com viagens, com o falar e visitar. O diário de 1859 dá-nos um vislumbre a esse respeito:

«Acordei pouco depois das duas da madrugada. Tomei o comboio às quatro. Sentia-me muito deprimida. Escrevi o dia todo... A nossa viagem de comboio terminou às seis da tarde.» — Diário, 18 de Agosto de 1859.

Pouco adiante, nesta mesma viagem, uma manhã bem cedo, o pastor e a Sr.^a White foram levados a casa de um dos nossos crentes. Tão apertada estava com o trabalho que, se bem que «a casa estivesse cheia de gente», segundo recordou, «não teve tempo para conversar com eles. Fechei-me no quarto para escrever». — Diário, 10 de Outubro de 1891. Ela anota em relação com uma viagem de três meses nos Estados de leste: «Falei cinquenta e cinco vezes, e escrevi trezentas páginas... O Senhor é que me tem fortalecido e abençoado e sustido por Seu Espírito». — MS. 4, 1891.

Conta-se que, em uma conferência, Ellen estava tão apertada com trabalhos escritos a fazer, que achou dever escrever nas reuniões durante a semana. Uma manhã, sentada à mesa em frente do púlpito, escrevia com afincio, enquanto J. N. Andrews pregava. No intervalo da tarde, foi interrogada quanto à sua opinião acerca das qualidades do pastor Andrews como pregador. Ela respondeu que, havia tanto desde a última vez que ouvira aquele irmão

pregar, que não podia dar opinião. Isto indica a intensidade da sua concentração no trabalho.

De Manhã Cedo

A Sr.^a White fazia muitas vezes o seu trabalho nas primeiras horas da manhã, dormindo cedo, à noite, e descansando um pouco durante o dia. Deixaremos que ela própria nos conte isto. Eis o que ela escreveu a um dos nossos pioneiros da obra, no ano de 1906:

«Recolhi-me à noitinha, depois do Sábado, e repousei sem dor ou incómodo até às dez e meia. Não conseguia dormir. Recebera instruções, e raramente fico na cama depois de tais instruções me sobrevirem. Havia um grupo reunido em ... e foram, por Alguém que estava no nosso meio, dadas instruções que eu devia repetir, pela pena e pela palavra. Deixei o leito e escrevi por cinco horas, tão rapidamente quanto a pena podia traçar as linhas. Depois descansei na cama por quatro horas, e dormi parte do tempo.

«Pus a matéria nas mãos da minha copista e na segunda-feira de manhã ela esperava-me, tendo sido colocada no meu escritório domingo à noite. Havia quatro artigos prontos para eu reler, e fazer quaisquer correcções necessárias. A matéria está pronta agora e alguma irá hoje para o correio.

«Eis o ramo de trabalho que estou levando avante. Faço a maior parte dos meus escritos enquanto os outros membros da minha família dormem. Acendo o meu fogo, e depois escrevo ininterruptamente, às vezes durante horas. Escrevo enquanto os outros dormem. Quem o disse, então, à irmã White? Um mensageiro designado.» — Carta 28, 1906.

Outros vislumbres desse trabalho de madrugada aparecem no trecho seguinte, escrito da Austrália:

«Acho-me sentada aqui em meu leito, nesta fria manhã de Julho, procurando escrever-lhe. Tenho luvas de lã, que me deixam livres os dedos para escrever. Coloco a lâmpada a um lado, à mão esquerda, de preferência a pô-la atrás de mim, e então a luz dá no papel de maneira conveniente... Passa um pouco das duas horas. Continuo a ser uma madrugadora e escrevo todos os dias.» — Carta 105, 1900.

«Sou forçada a continuar a escrever, e rendo graças ao Senhor pela força que me

dá. Carrego um fardo tão pesado que muitas vezes não posso dormir depois da meia noite ou uma hora. Quando tenho o espírito tão oprimido, não acho alívio senão em orar e escrever. Os meus auxiliares dizem-me que desde a minha volta do Leste (um período de dois meses), tenho escrito cerca de seiscentas páginas dactilografadas.» — Carta 54, 1902.

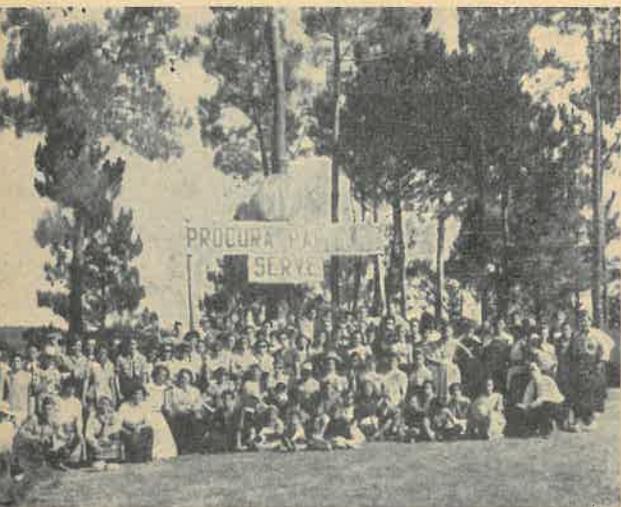
«Tenho muito a escrever. Por várias noites, cenas me têm sido apresentadas. Ontem, de manhã, com um dos olhos tapados, sentei-me a escrever página após página, durante horas, antes que os outros membros da minha família despartassem.» — Carta 372, 1902.

Durante Períodos de Sofrimento

Muitos escritos foram feitos durante períodos de grande sofrimento físico. Pouco depois da sua chegada à Austrália, em princípios da década dos noventa, ela esteve doente durante quase um ano, com febre reumática. Por vezes não podia dormir senão muito pouco, todavia prosseguia nos seus trabalhos escritos. Temos disso um quadro em duas declarações escritas em 1892:

«Com os escritos que vão neste correio, tenho feito, desde que deixei a América, duas mil páginas de papel de carta. Não poderia ter escrito isto se o Senhor não me tivesse fortalecido e abençoado em grande medida. Nem uma vez me falhou aquela mão direita. O meu braço e ombro têm estado cheios de sofrimento duro de suportar, mas a mão tem sido capaz de segurar a pena e traçar as palavras que me têm vindo da parte do Espírito do Senhor.» — Carta 29, 1892.

«Haveis de desculpar a minha pobre caligrafia, pois vejo-me obrigada a mudar de posição a quase toda a hora, a fim de acomodar-me para escrever de qualquer modo. Envio por este correio sessenta páginas de papel de carta escritas pelo meu próprio punho. Primeiro, a minha cadeira de lona é cheia de travesseiros, depois põem um caixote amaciado com travesseiros, onde descanso os membros, sobre uma almofada de borracha. Puxam para perto de mim a mesinha, e assim escrevo sobre uma tábua nos joelhos. Ontem fui capaz de passar duas horas sentadas dessa maneira... Então preciso mudar de posição. Ela (a sua enfermeira)



Grupo de Congressistas

Foto José Viegas

Foi no dia 15 de Agosto, que se fez a grande concentração da nossa juventude que das suas Igrejas se deslocaram, mais uma vez, para a encantadora cidade nantantina.

Quando os M. V. desembarcaram, a cidade tomou um aspecto desusado, pela grande afluência de jovens que, graças a Deus, este ano, em grande número ali se apresentaram.

Reuniram-se connosco cerca de 160 jovens representando as 15 sociedades que fazem parte do território da nossa Conferência.

Foi no pinhal do Marraneta, à semelhança do ano transacto, gentilmente cedido pelo seu proprietário, que consegui-



Os dirigentes dos M. V. em Portugal e Espanha

Foto M. Lobato

3.º Acampamento —

mos alinhar 30 tendas de campanha para a instalação da grande família dos M. V.

Este acampamento esteve superiormente dirigido pelos irmãos Fernando Mendes, director; Manuel Laranjeira, secretário; e Arlindo Miranda, preceptor; dando-nos ainda grande colaboração alguns obreiros, como também os pastores E. Ferreira e M. Leal.

Foi grata para nós a presença dos irmãos J. J. Aitken e J. Cupertino, enviados da Divisão e que durante alguns dias de convívio connosco, nos deliciaram através das suas experiências, mensagens e filmes.



Um aspecto da lona

Tivemos ainda, durante todos os dias do acampamento, como nosso hóspede, o irmão Angel Codejón, secretário da Juventude da Missão espanhola, que através da sua simpatia pessoal e da prática em prol da juventude, muito contribuiu para o bom êxito do nosso acampamento, e ao partir para o país irmão deixou em cada jovem campista um amigo que o não esquecerá com facilidade.

Desde o toque de alvorada, às 7 da manhã, até às 22 horas, que tocava a silêncio, os nossos jovens submetiam-se a um programa que consistia de culto matinal, izar da bandeira, ginástica, pequeno almoço, estudo bíblico, classes progressivas, banho, almoço, repouso, reunião de cânticos,

Congresso dos M. V.

teses (todas elas visando o bem estar da nossa juventude no aspecto moral e espiritual), discussão livre, jogos organizados, jantar e hora recreativa.

No serão de domingo, dia 22, teve lugar uma pequena festa de despedida ao pastor Aitken, na qual estiveram presentes, além do repórter do semanário «Cidade de Tomar», Senhor Amadeu Ideias, que a este respeito escreveu um desenvolvido artigo e que noutras páginas transcrevemos, ainda algumas centenas de pessoas, vindas da cidade e localidades circunvizinhas, às quais o programa agradou em absoluto.



do acampamento

Foto Rui Mourato

Este programa foi apresentado pelas diferentes delegações, e se bem que todas elas merecessem os mais gratos elogios, digno é de destacar as delegações de Vila Real de Santo António e Porto.

Teve como apoteose nesta reunião a entrega do facho acceso aos irmãos dirigentes e por estes passado a todos os obreiros e chefes de grupo, à semelhança do que, há três anos, se fez no grande Congresso de Paris. Foram momentos de grande emoção, despertando ao mesmo tempo em cada jovem o desejo de se tornar um portador de luz.

Fez parte do nosso programa o estudo das classes progressivas e é entre a natureza que os jovens melhor podem estu-



Um movimento de ginástica

Foto M. Lobato

dar os seus requisitos, e sobretudo o ambiente é propício para um melhor conhecimento das respectivas especialidades. Grande foi o aproveitamento, e pudemos investir 115 jovens assim distribuídos: Amigos 29; companheiros 39; Guias 23 e Líderes 24.

Conforme foi previamente anunciado nos nossos programas, tivemos o prazer de realizar os passeios ali mencionados. Assim, na segunda e terça-feira, dias 23 e 24, mudemos visitar o Convento de Cristo, a Quinta dos Sete Montes, o jardim da Várzea Pequena, o Mouchão Parque e a imponente Barragem do Castelo do Bode.

Uma comissão, para isso nomeada, apre-



Hora de banho no Rio Nabão

Foto Rui Mourato

sentou as seguintes considerações e resoluções:

1.^a VOTOS DE AGRADECIMENTO:

CONSIDERANDO a liberdade que tivemos para nos reunir em tão pitoresco local e o alegre privilégio de ver novos jovens pela primeira vez, resolvemos:

a) Agradecer a Deus as bênçãos que nos concedeu.

b) Agradecer à Divisão Sul Europeia e à União Portuguesa os favores dispensados.

2.^a A NOSSA TAREFA PARA OS ÚLTIMOS TEMPOS:

CONSIDERANDO que o tempo se está cumprindo e que devemos ganhar outros para Jesus, resolvemos entregar todas as energias para, nas nossas sociedades, cheios de fé, organizarmos campanhas de evangelização.

3.^a DESENVOLVIMENTO COMPLETO DA NOSSA JUVENTUDE:

CONSIDERANDO a utilidade duma preparação consciente na tarefa para que fomos designados, resolvemos dedicar as nossas mãos, o nosso coração e o nosso cérebro, à causa da Verdade, de tal maneira que possamos ter mãos aptas para desempenhar com perfeição o ofício a que

nos dedicamos; corações cheios do Espírito Santo; cérebros capazmente orientados no sentido de nos tornarmos uma luz para os semelhantes.

4.^a A JUVENTUDE E A REVISTA ADVENTISTA:

CONSIDERANDO a função da nossa imprensa em criar um elo de fraterna camaradagem e informação, resolvemos pedir regularmente uma ou duas páginas à «Revista Adventista».

5.^a AQUISIÇÃO DUM LOCAL PERMANENTE PARA ACAMPAMENTOS:

CONSIDERANDO que o ambiente vivido nos nossos acampamentos alenta o fervor da juventude, resolvemos pedir à União a aquisição dum local permanente.

6.^a OS JOVENS E A MÚSICA:

CONSIDERANDO o lugar indiscutível da música na evangelização, resolvemos estimular os jovens no estudo dessa arte, quer no aspecto instrumental, quer no de canto-coral. Nas sociedades, sendo possível, devem-se organizar cursos particulares com esse objectivo.

Fernando Mendes

Manuel Laranjeira

O ACAMPAMENTO E A IMPRENSA

O semanário *Cidade de Tomar* teve a gentileza de se referir por duas vezes ao nosso acampamento, em palavras de uma amabilidade que nos sensibiliza e agradecemos.

No seu número de 29 de Agosto, publicava o seguinte artigo:

«Sob este título demos no número anterior a notícia de se encontrarem acompanyados num pinhal sobranceiro ao nosso rio, umas dezenas de filiados da Igreja Adventista. Os dirigentes do referido acampamento senhores J. J. Aitken, americano; J. Cupertino, italiano; A. Cudejón, espanhol; Ernesto Ferreira e Fernando Mendes, portugueses, quiseram ter a amabilidade de convidar um representante deste jornal a visitar aquele acampamento no passado domingo.

Ali estivemos e pudemos verificar a boa ordem e a impecável disciplina com que tudo se encontrava instalado. À hora que ali chegámos encontravam-se já muitas dezenas de outros visitantes, que mais tarde chegaram a ser algumas centenas, para assistirem ao acto de variedades que foi apresentado pelos jovens, dos dois sexos, vindos de todas as provincias de Portugal, que ali nos ofereceram duas horas de grande prazer espiritual, recitando lindas canções e diálogos, sempre ligados ao amor Pátrio e ao alto respeito devido a Deus.

O ambiente que ali verificámos foi sempre agradável para todos que crêem em Deus e amam a sua Pátria, fosse qual fosse a modalidade religiosa que lhes enchesse o espírito.

Mais rigorosamente, não se fez ali

«política adventista», mas sim e com grande nobreza, nos fizeram passar a todos uns momentos de elevado respeito por Deus e de Amor pela Pátria, ali exaltados com o mais elevado respeito. A pessoa

que ali foi representar este jornal, católica indefectível, sentia-se satisfeitíssima e saiu imensamente grato com a homenagem prestada ao «Cidade de Tomar», por todos os dirigentes acima citados.»

LITERATURA FRÍVOLA E EXCITANTE

Por
E. G. WHITE

O Mundo está inundado de livros que melhor seria se fossem consumidos do que circulados. Livros sobre guerras indignas e tópicos semelhantes, publicados e circulados com desígnio de fazer dinheiro, melhor seria nunca serem lidos. Há uma satânica fascinação nesses livros. O confrangente relato de crimes e atrocidades tem enfeitiçante poder sobre muitos jovens, excitando neles o desejo de se tornarem notáveis, mesmo por meio das mais ímpias acções. Há muitas obras mais estritamente históricas, cuja influência é pouco melhor. As atrocidades, as crueldades, as práticas licenciosas, pintadas nesses escritos, têm actuado como fermento em muito espírito, levando à execução de actos semelhantes. Livros que pintam os feitos satânicos de seres humanos estão dando publicidade a más acções. Os horríveis pormenores de crime e miséria não precisam ser repetidos, e ninguém que creia a verdade para este tempo deve ter parte em perpetuar a sua memória.

As histórias de amor e os frívolos e excitantes contos constituem outra classe de livros que é uma maldição para todo o leitor. O autor pode apor boa moral e através de toda a sua obra pode entretecer sentimentos religiosos; todavia, na maioria dos casos, Satanás está apenas vestido com trajes angélicos, para, tanto mais eficazmente, enganar e seduzir. O espírito é afectado em grande medida por aquilo de que se alimenta. Os leitores de contos frívolos e excitantes tornam-se inabilitados para os deveres que lhes estão diante. Eles levam uma vida irreal e não têm nenhum desejo de um emprego útil, nenhum desejo de examinar as Escrituras, para alimentar-se do maná celestial. A mente está debilitada e perde a faculdade de contemplar os grandes problemas do dever e do destino.

Tenho sido instruída que os jovens estão expostos ao maior perigo pela leitura imprópria. Satanás está constantemente dirigindo tanto a juventude como os de idade madura a se encantarem com histórias de nenhum valor. Se fosse consumida grande parte dos livros publicados, seria detida

uma praga que está fazendo uma terrível obra quanto a debilitar a mente e corromper o coração. Ninguém está tão firmado em princípios rectos, que esteja seguro contra a tentação. Toda esta literatura perniciosa deve ser resolutamente rejeitada.

Não temos nenhuma permissão do Senhor para empenhar-nos, quer na publicação quer na venda de semelhante literatura, porque ela é o meio de destruir muitas almas. Sei de que estou escrevendo, porque esta questão foi aberta perante mim. Não se empenhem nesta obra os que creem a verdade, pensando fazer dinheiro. O Senhor porá uma maldição sobre os meios assim obtidos; Ele espalhará mais do que é ajuntado.

ELLEN G. WHITE

(Continuado da página 7)

leva-me para a cama de molas, e calça-me com travesseiros. Talvez me seja possível sentar por mais de uma hora, e assim há uma mudança; mas sou grata por, de qualquer maneira, poder escrever.» — Carta 16c, 1892.

Naturalmente, a mão ficava-lhe fatigada, e os olhos pesados, mas não era a fadiga do incessante trabalho que lhe oprimia o coração. A sua grande preocupação era dever apresentar devidamente as grandes verdades patenteadas ao seu espírito. Assim exclamava ela:

«Não sei falar ou traçar com a pena os grandes temas do sacrifício expiatório. Não sei apresentar os assuntos com o vivo poder com que se acham perante mim. Tremo de temor, não seja que eu amesquinhe o grande plano da salvação com palavras sem valor.» — Carta 40, 1892.

«Ora, devo deixar este assunto tão imperfeitamente apresentado, que temo que interpreteis mal aquilo que me sinto tão ansiosa de tornar claro. Oh que Deus me avive o entendimento! pois não passo de uma fraca escritora, e não posso, pela pena ou pela voz, exprimir os grandes e profundos mistérios de Deus. Oh! orai por vós mesmos, orai por mim! — Carta 67, 1894.

A casa que o amor construiu

por M. H. JENSEN

Secretário do Departamento da Missão Interior

O dia 1 de Maio de 1953 foi bastante triste para os moradores de Waco, no Texas. Em apenas sete minutos perderam-se 114 vidas e várias centenas de pessoas perderam todos os seus haveres. O momento de agir chegou para as nossas «Sociedades de Beneficência». As nossas irmãs de Waco vestiram imediatamente os seus uniformes, tendo no braço e no bivaque a menção: «Sociedade de Beneficência dos Adventistas do Sétimo Dia», e meteram-se ao trabalho. Proveram alimentos para duzentas pessoas e distribuíram cerca de 12.000 quilogramas de vestuário. Um comentador da rádio anunciou que o centro de socorro melhor organizado e mais acolhedor da cidade era o que dirigiam os Adventistas. Declarou ainda que estes faziam mais pelos sinistrados de Waco que qualquer outra organização religiosa.

O pastor M. D. Lewis, do «Southwestern Junior College», sugeriu que construíssemos uma casa para uma das vítimas do desastre. O irmão E. J. Miller, que construía naquela época o dormitório das meninas no nosso colégio de Keene, no Texas, ofereceu-se para fazer a planta da casa e dirigir a construção. Disse também que mandaria vir os seus operários a Waco para executarem o trabalho. Dirigiram-se a várias companhias importantes de Dallas, Fort Worth e Cleburne para obter madeira, materiais para a canalização, pintura e outros diversos necessários à construção. Tudo foi junto em Keene e o irmão Bascon, membro leigo que dirige uma companhia de mobiliário de igreja, nesta cidade, colocou o seu grande camião à nossa disposição para Waco, a uma distância de 130 quilómetros.

Às cinco horas da manhã sessenta membros de igreja — carpinteiros, canalizadores, electricistas, pintores — partiram para Waco, para aí construirem, num dia, uma morada de quatro divisões. Às sete horas este homens formavam um círculo sobre o lugar onde antes estivera uma casa, pedindo a Deus que lhes concedesse a Sua direcção e protecção, enquanto preparavam um lar para uma família sinistrada. Às sete e um quarto começaram a

colocar o soalho. Ao meio dia estavam prontos para colocar o telhado; à tarde, a electricidade, a água, o gás e um aparelho de telefone estavam instalados.

De hora em hora duas estações de rádio, transportando até lá os seus microfones, informavam-se do estado do trabalho. Falou-se de nós 3 vezes na Emissora Nacional. Duas companhias de televisão, apresentando um programa nacional, seguiam passo a passo a construção. Alguns jornais publicaram fotografias do local em toda a largura da sua primeira página.

Durante o dia inteiro, dois a seis polícias estiveram no local para reter o povo. Ouvimos algumas observações, tais como: «Eis a espécie de religião em que creio!»; «Isto é que é Cristianismo prático!»; «Se tivéssemos dado a nossa contribuição aos Adventistas!».

O Sr. Cowan, para quem foi construída a casa, pertence à Igreja Baptista. Por causa dum envenenamento no sangue ele perdeu as suas pernas e a sua família é constituída por quatro membros. Os pastores de Waco, no-lo tinham recomendado vivamente.

Esta casa foi avaliada pelos empreiteiros, mobiliário compreendido, em cerca de doze mil dólares. Muitos dos que a visitaram naquele dia, exprimiram o desejo de melhor conhecerem a fé adventista. Quanto a nós, estamos persuadidos de que é este género de evangelização que Deus gostaria que fosse praticado por maior número de membros leigos.



FUNCHAL — Grupo de recém-baptizados

UNIÃO ANGOLANA

RELATÓRIOS REFERENTES AO 2.º TRIMESTRE DE 1954

I. Escola Sabatina

Campos Missionários		Escolas	Membros	Classes	12 Sábados	Dons	F. Inversão	13.º Sábado	TOTAL
Bongo	Eur.	1	11	1	1.298.00		10.00		1.308.50
	Nat.	100	6.216	359	4.908.60	204.30	207.30	835.80	6.156.00
N. Lisboa	Eur.	1	16	2	1.527.20	277.50		323.00	2.127.70
	Nat.	61	3.282	174	1.500.00	78.40	22.00	399.80	2.000.20
Namba	Eur.		3	1	180.00				180.00
	Nat.	29	1.986	69	452.30	23.00	11.50		486.80
Cuale	Eur.	1	8	2	655.00	50.00		102.00	807.00
	Nat.	56	4.700	161	3.448.80	209.70	198.90	529.30	4.386.70
Luz	Eur.		8	1	439.50				439.50
	Nat.	32	1.237	107	241.60		12.50	10.00	264.10
Lucusse	Eur.		2	1	292.00	20.00			312.00
	Nat.	5	260	32	172.70		1.00	5.00	178.70
Benguela	Eur.	2	101	5	1.390.70	132.00	181.00	789.00	2.492.70
	Nat.	1	32	3					
Luanda	Eur.	2	17	2	1.337.00	85.00		163.50	1.585.50
	Nat.		10		507.50	20.00	20.00	55.00	602.50
Quilengues	Eur.		665	23	563.10	10.00		87.60	660.70
	Nat.	10							
Totais gerais									
	Eur.	7	171	14	7.627.40	584.50	211.00	1.432.50	9.855.40
	Nat.	294	18.325	928	11.287.10	525.10	453.20	1.867.50	14.133.20
União		301	18.496	942	18.914.50	1.109.90	664.20	3.300.00	23.988.60

II. Missionários Voluntários

Campos Missionários	Soc.	Membros	Membros de G. Miss. ^{os}	Devoção Matinal	Ano Bíblico	C. Leitura	Est. Bíblicos	Cont. Missionários	Pes. Soc.	Literatura	Alvo Missionário
Bongo	37	1.770	1.350	1.598	200	184	2.500	1.600	1.872	950	616.10
Nova Lisboa	22	675	496	1.117	109	23	208	775	358	45	212.10
Namba	10	417	288	326	10	1	311	162	331	74	82.30
Cuale	25	1.395	1.226	1.385	14	33	987	2.720	1.137	60	331.30
Luz	23	362	320	300	5	16	364	610	70	150	362.00
Lucusse											
Quilengues	4	68	33	63			22	18	225	20	
Benguela	1	35	35	15	3	2	112	100	86	88	304.10
Luanda	1	21	21	11		3	5		29	34	617.80
União	127	4.788	3.797	4.863	341	262	4.659	6.145	3.648	1.436	2.525.70

III. Departamento da Educação

Campos Missionários	Alunos das Catequese	Ensino Rudimentar	Ensino Primário	Curso de Catequistas	Total geral	Alunos Internos	N.º de Catequistas	Professores europeus	Total de Obreiros
Instituto do Bongo		388	38	40	520	240		8	13
Bongo	357	362			1.219	200	36	4	40
Nova Lisboa	810	530			1.340	187	25	3	28
Cuale	1.092	175	14		1.305	119	25	7	33
Lucusse	36	32			68	23	4	1	5
Namba	309	75			384	39	10	1	12
Quilengues	89	51			140		5	1	6
Luz	321	142	10		473	104	24	1	26
União	3.514	1.755	62	40	5.449	912	129	26	163

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DA UNIÃO PORTUGUESA

JUNHO DE 1954

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL
António G. Duarte	196	8.520\$00	5.055\$00	13.575\$00
Isaias da Silva	146	3.255\$00	275\$00	3.530\$00
João António	115	2.390\$00	295\$00	2.685\$00
Júlia Costa	93		2.510\$00	2.510\$00
Luísa Saboga	152		2.285\$00	2.285\$00
José dos Santos	68	2.220\$00		2.220\$00
Idalina Ferreira	40		1.125\$00	1.125\$00
Afonso António	119	1.450\$00		1.450\$00
Júlia Sanches	133	650\$00	535\$00	1.185\$00
Fausto Gomes	18	400\$00		400\$00
	1.080	18.885\$00	12.080\$00	30.965\$00

JULHO DE 1954

António G. Duarte	124	4.900\$00	2.585\$00	7.485\$00
David Vasco	160	2.970\$00		2.970\$00
Hermenegildo Silva	82	2.450\$00		2.950\$00
Tomaz Aguiar	90	2.210\$00		2.210\$00
João António	177	2.100\$00		2.100\$00
Idalina Ferreira	80		2.065\$00	2.065\$00
Luísa Saboga	124		2.000\$00	2.000\$00
Isaias da Silva	90	1.495\$00	460\$00	1.955\$00
Júlia Sanches	141	575\$00	1.305\$00	1.880\$00
Parreira Lopes	142	1.805\$00		1.805\$00
Alberto Nunes	54	1.415\$00		1.415\$00
Flora Saramago	180		1.305\$00	1.305\$00
Júlia Costa	41		1.195\$00	1.195\$00
Carlos Carvalho	82	970\$00		970\$00
José C. Godinho	31	965\$00		965\$00
Cipriano Morais	60	935\$00		935\$00
Afonso António	158	860\$00		860\$00
José Sanches	59	495\$00		495\$00
	1.982	24.145\$00	10.915\$00	35.060\$00

O Secretário de Publicações
Fernando G. Mendes

NOTÍCIAS DO CAMPO

DR. JOHN D. ROGERS — Acompanhado de sua Esposa, esteve em Lisboa, de 12 a 16 de Agosto, o nosso irmão Dr. John D. Rogers, especialista em doenças de pele, que acaba de realizar uma viagem ao Extremo Oriente em serviço do Departamento Médico da Conferência Geral. A igreja de Lisboa teve o prazer de o ouvir na exposição da Palavra de Deus, no culto de Sábado, 14, assim como nesse mesmo dia à tarde numa interessante palestra particularmente destinada à juventude.

PASTORES G. CUPERTINO e J. J. AITKEN — A fim de tomarem parte no Congresso-Acampamento dos M. V., que, como noutro local noticiamos, se realizou em Tomar de 16 a 25 de Agosto, deram-nos o prazer da sua visita estes dois irmãos, respectivamente secretário das Relações Públicas ao mesmo tempo que secretário-associado da Associação Ministerial, e secretário do Departamento dos M. V. Chegados em 18 desse mês, inspiraram-nos com as suas mensagens e exortações dirigidas aos jovens. O Pastor Cupertino retirou-se mais cedo de Tomar, a fim de dirigir a reunião pública de Lisboa, no Do-

mingo, 22. Deixaram ambos o nosso país no dia 24.

ANGEL CODEJÓN — Foi-nos também dado o prazer de ter connosco, durante o Congresso da Juventude, o Ir. A. Codejón, secretário do Departamento dos M. V. do campo espanhol. O seu dinamismo e a sua compreensão dos problemas dos jovens permitiram que ele se tornasse uma inspiração para todos. De Tomar, passou pelas igrejas de Lisboa, Barreiro e Portalegre, onde dirigiu a palavra.

MISSÃO DA MADEIRA

Naturalmente que a vasta família Adventista Portuguesa, sempre alerta em oração e esforço cristão, para maiores progressos da bendita fé cristã em suas vidas, em terras e corações portugueses, espera com natural prazer e justificada razão a bela «Revista Adventista», que sempre dá conta das boas notícias provenientes das actividades evangélicas das igrejas da Conferência, e das Missões em terras de mares. É, pois, satisfazendo esse prazer que, como correspondente da mesma nesta missão, coloco numa das suas

páginas estas simples notícias do nosso campo. Todos, sem dúvida, sabem como esta missão ficou sem os seus aposentos culturais e residenciais à Rua João de Deus, por motivo de expropriação oficial, e foi transferida provisoriamente para uma das sossegadas ruas desta cidade do Funchal, onde temos estado há onze meses em actividade evangelizadora, não tanto como desejávamos, no que se refere às conferências públicas, visto a nossa sala de cultos não nos permitir fazer convites impressos, por se encontrar o seu pequeno espaço sempre ocupado pelos irmãos e amigos.

Apenas instalados neste prédio de aluguer, começámos a procurar propriedade conveniente para onde fazer a instalação definitiva desta Missão. Entre as diversas propriedades aparecidas em lugares diversos da cidade, e não a todos agradáveis, fixámos então os olhos numa, que a todos nos prendeu o desejo de possuí-la, em óptimo local, — a muitos melhor do que o anterior, à Rua João de Deus — e com área suficiente para o que desejávamos. Mas, quase chegámos a perder o interesse por ela, por nos parecer muito cara, e boa demais para nós. Contudo, as nossas orações eram para que aquela nos fosse cedida, e assim o Senhor fez-nos perder o interesse pelas outras em vista, para o reunir nesta, que pela Sua graça nos foi dado adquirir por compra feita pelos mui presados irmãos da Direcção: Ferreira e Ribeiro, expressamente deslocados à Madeira. Depois de todos os preliminares feitos com plantas e licenças à ilustre Câmara desta cidade para a construção da nossa Igreja, e orçamentos estudados pelo conselho da Missão e Igreja, e propostos aos irmãos superiores para definitiva resolução e aprovação, foram então iniciadas as obras de adaptação em acrescentamento do prédio existente, para nele haver: no 1.º andar, o Salão-Igreja, de 19 m por 10,70 m, e no r/c, lado sul, uma ampla sala escolar, e paralelo a esta, um bom salão para as actividades da juventude. Existindo evidentemente já do lado Este a residência do Pastor.

As obras foram entregues depois de estudo atento e judicioso do conselho local, ao irmão António Gomes Bonéco, por empreitada, comprometendo-se ele diante do conselho de satisfazer o nosso desejo de execução exacta conforme a memória descritiva. As obras vão em bom andamento, o prazo de acabamento é de seis meses, que vai a fins de Janeiro próximo. E, como se apressava colher as almas ganhas pelo Espírito do Senhor, mediante os nossos esforços realizados muito em parte nesta nossa provisória sede, foi o caso que no passado Sábado, 29 de Agosto, sepultámos em claras águas baptismas, onze dedicados e fiéis crentes de Jesus, cuja fotografia mostra, em baptistério expressamente feito numa das salas da nossa nova propriedade, à Rua Conde Carvalhal. Depois do culto desse mesmo dia, toda a Congregação marchava pelas ruas da Conceição e João de Deus, e podemos dizer que nunca foram vistos tantos adventistas juntos, e alguns amigos também por estas ruas da cidade, para assistir à cerimónia baptismal. Outros mais haveria — amigos e curiosos —, se os convidássemos, mas achámos por bem não o fazer agora, mas sim só depois da nossa Igreja estabelecida em bom salão, e com apropriado baptistério, então convidaremos não só amigos, mas todos quantos queiram assistir. Como sempre acontece nestas cerimónias haver decisões nos corações dos bons amigos assistentes, assim

também houve neste dia feliz para os que nasceram de novo, outros que projectavam com o bom auxílio do Senhor Jesus fazer o mesmo em próxima cerimónia.

Foi, pois, estreada esta boa propriedade, ainda demolida em parte, e já de paredes a crescer para a boa sede da Missão Adventista nesta cidade, com uma cristianíssima cerimónia baptismal, sendo isto, pois, um sinal de que outras muitas mais pessoas ali se tornarão bons cristãos adventistas, para honra do seu Salvador e prestígio da Sua causa nesta Ilha. Deus assim faça!

Os nossos alvos financeiros estão sendo alcançados e ultrapassados graças ao bom esforço e espírito de liberalidade de quase todos os nossos irmãos Madeirenses. Contudo, ainda é muito pouco o que fazemos em face das grandes necessidades dos campos missionários, e dos lugares onde todos estamos collocados, Pede-se, porém, da parte de Deus que cada um se ache fiel à fé, na liberalidade e no sacrificio desta nobre causa cristã.

Vosso dedicado,

Manuel Miguel

MISSÃO DOS AÇORES

Ponta Delgada

«Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura. Quem crer e for BAPTIZADO será salvo» (S. Marcos, 16:15, 16).

Graças ao Altíssimo Deus, ainda há almas que creem nos méritos do nosso grande Salvador Jesus Cristo. E a confirmar, temos o testemunho público de mais sete almas que se entregaram ao Senhor Jesus.

Foi no santo dia de Sábado, 28 de Agosto, que tivemos a suprema alegria de ver essas almas, por quem o Senhor deu a Sua vida, fazerem um solene pacto com Ele, através das águas baptismas.

Foi dia grande para a Congregação, que estava reunida na sua maior força, e tanto mais que tínhamos conosco a pessoa do nosso Irmão Pastor E. Ferreira. Foi ele que dirigiu a palavra à Congregação e fez o exame aos respectivos candidatos.

Destes sete novos membros, cinco são jovens, de quem há bastante a esperar. Pedimos a Deus que estes Irmãos sejam colunas bem firmes no Seu Templo e através do seu zelo e consagração muitas outras almas sejam avisadas dos perigos deste mundo e se preparem para o Reino de Deus.

No dia 29, tivemos uma boa reunião pública, feita pelo nosso Irmão Pastor E. Ferreira. E no dia 1 de Setembro, houve mais uma reunião, de oração, e após a mesma, o Pastor Ferreira DEDICOU ao Senhor o filhinho dos Irmãos Maria Fernanda Reis e Samuel Reis.

Esperamos que o Senhor abençoe este menino, como abençoou outrora o menino Samuel.

Também tivemos o prazer de acompanhar o nosso Irmão Ferreira aos Grupos do Pico da Pedra e da Relva, onde tiveram lugar reuniões de despertamento espiritual.

Esperamos partir em breve para as outras ilhas deste Arquipélago, onde esperamos assistir a novos Baptismos. Deixaremos, porém, essas notícias para os Obreiros locais.

E agora, cabe-nos a vez de pedir, a cada um de vós, as vossas orações pela Obra do Senhor nos Açores. Grato vos fica o Irmão em Cristo.

Samuel Reis

Flores

Francamente, hesitei um pouco em escrever algumas linhas sobre as Flores. Primeiro, porque não possuo aquela veia literária que distingue os poetas e lhes permite apresentarem uma visão mais ou menos distinta da realidade.

Em segundo lugar, porque tentar descrever as flores naturais é, quanto a mim, impossível. As flores podem deliciar-nos com as suas cores garridas, com os seus néctares embriagantes, com os seus desenhos exóticos, mas não se podem, repito, descrever.

Pois bem, prezados leitores, com a Ilha das Flores passa-se o mesmo. É por esta razão até que vos convido cordalmente a fazer uma viagem de veraneio a este pedaço de terra, que vos encantaria, e onde a gloriosa bandeira da Pátria é respeitada.

Se a Suíça é, com as suas montanhas altas, com os seus lagos profundos, com a sua vegetação exuberante, considerada, segundo a concepção internacional, o «Paraíso da Terra», não há dúvida de que a última ilha do Arquipélago dos Açores pode considerar-se muito naturalmente a «Suíça Portuguesa». Efectivamente, a pessoa que chamou a esta pequena ilha, Flores, foi muito feliz na escolha.

Coincidência... Há casos que são inéditos, verdadeiramente, como, por exemplo, as flores da Ilha das Flores — as tão discutidas hortensens. É deslumbrante o cenário que elas nos oferecem. Quer subamos, quer desçamos, as simpáticas hortensens acompanham-nos airosamente. Se passeamos nas estradas elas gentilmente nos ladeiam. Se contemplamos propriedades, as hortensens substituem os muros que dividem as terras.

Por vezes as hortensens quase que fazem perder a paciência aos lavradores. Crescem tão caprichosamente, que eles são obrigados a cortá-las.

A ilha tem ainda a valorizá-la a Rádio Naval, que indica a rota à navegação marítima e aérea para os Estados Unidos e outros países da América. É dali que sai também a previsão do tempo.

A ilha vive da rendosa pesca à baleia e dos laticínios. Ali não há polícias, sinal de que não há ladrões. Os habitantes dormem tranquilamente com as portas nos trincos. Todos se conhecem e se ajudam amistosamente. Ali também não há o barulho dos «claxons» estridentes, os silvos dos comboios pesados.

Antes vive-se numa atmosfera de trabalho, de fadiga quase santa, onde reina a paz de Deus, da Pátria e da Família. É neste ambiente são que vivem os nossos nove irmãos e cinco amigos, nossos futuros irmãos. Durante os dois meses que ali acabei de passar, constatei coisas maravilhosas.

De todas, a que mais me impressionou foi o prestígio que os nossos irmãos disfrutam. Quer sejam os grandes da ilha, quer sejam os pequenos, todos foram unânimes em dizer-me que os adventistas se contam entre as pessoas mais honestas, sinceras, respeitadoras e respeitadas das Flores. Eles são, numa palavra, queridos pela gente ordeira e simples da ilha.

Realmente, Mestre Laureano, como é conhecido um dos nossos irmãos dali, é uma pessoa extraordinária. Recordo o grande S. Paulo. A cada um dirige uma palavra amiga. Ao que passa curvado pelos anos, à criancinha que brinca infantilmente, ele sauda graciosamente, com uma palavra que é um estímulo, um conselho, um cumprimento leal.

Seu filho, também Laureano, é um estudioso das Sagradas Escrituras. É ele que, durante 75 minutos, se ocupa zelosa e inteligentemente da Escola Sabatina, que é ao mesmo tempo um culto cheio de espírito e de fé.

Ao deixar a «Suíça Portuguesa» com saudade, resta-nos a satisfação de saber que dentro em pouco os nossos cinco futuros irmãos que estudaram atentamente a classe baptismal, farão como Jesus outrora no Jordão: baptizar-se-ão.

Que Deus dispense a todos as melhores bênçãos, são os votos cordiais de

Fernando Escudeiro

Livros recentemente recebidos

Recebemos do Brasil os seguintes livros, que estão à disposição dos nossos leitores e membros de igreja.

Por E. G. White:

O Desejado de Todas as Nações	100\$00
Vida de Jesus	50\$00
Vereda de Cristo	25\$00
Mensagens aos Jovens	50\$00
A Santificação	15\$00
O Maior Discurso de Cristo	15\$00
Educação	40\$00
Vida e Ensinos	40\$00
A Ciência do Bom Viver	60\$00
Conselhos aos Professores	50\$00
O Colportor Evangelista	20\$00
Parábolas de Jesus	50\$00

Pelo Dr. António de Miranda:

Nutrição e Vigor	70\$00
------------------------	--------

Por Artur W. Spalding:

Irmã White (Vida da Irmã White para crianças e jovens)	45\$00
--	--------

REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO EXCLUSIVAMENTE RELIGIOSO
E DE INFORMAÇÃO DA IGREJA
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

DIRECTOR: ERNESTO FERREIRA
ADMINISTRADOR: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, J. A. Esteves,
E. Ferreira, M. Lourinho, E. Miranda, S. Reis e
M. Miguel.

PUBLICAÇÃO MENSAL

Cont., Ilhas e Províncias Ultramarinas

Número avulso	1\$50
Assinatura anual	15\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.
32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA